

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E
EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE

Ivania Beatris Barduil Rossato

**Educação Social:
O que a prática nos traz**

2012

IVANIA BEATRIS BARDUIL ROSSATO

**Educação Social:
O que a prática nos traz**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Educação de Jovens e Adultos e Privados de Liberdade pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

Orientadora:
Prof^ª. Dr^ª. Laura Souza Fonseca

Porto Alegre
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadora do Curso de Especialização em EJA e Educação de Privados de Liberdade – Prof^a. Laura Souza Fonseca

Quero agradecer...

...à toda equipe do CREAS/SL – 2011 e 2012 ;

...à professora Laura Fonseca, pelas discussões promovidas em aula e pela orientação;

...ao Beto Záquia, companheiro desta e de outras longas caminhadas;

...à minha mãe pela força e coragem;

...à Alessandra X. Miron que me fez acreditar que é possível trabalhar e coordenar pessoas dando-lhes autonomia, liberdade, confiando no trabalho em equipe;

...aos Educadores Sociais do CREAS/SL (Caroline, Ieda, Marcos, Mauricéia e Rodrigo) com quem estou aprendendo a caminhar na Assistência em São Leo;

...e em especial à Débora de Paula pela sua autêntica colaboração e a Rodrigo Carvalho pelas correções.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEESSP	Associação dos Educadores e Educadoras Sociais do Estado de São Paulo
ANPED	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação
CASEMI	Centro de Atendimento Socioeducativo em Semiliberdade
CREAS	Centro de Referência Especializado em Assistência Social
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
GELFOPIS	Grupo de estudos e pesquisa em linguagens, formação profissional docente e inclusão social
IFRN	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
LA	Liberdade Assistida
LOAS	Lei Orgânica da Assistência Social
MSE	Medidas Socioeducativas
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
NOB/RH	Norma Operacional Básica de Recursos Humanos
PSC	Prestação de Serviço a Comunidade
PGM	Procuradoria Geral do Município
SL	São Leopoldo
SACIS	Secretaria de Assistência e Inclusão Social
SUAS	Sistema Único da Assistência Social
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

O presente estudo versa sobre o educador no CREAS/SL e o diálogo entre a educação social e a pedagogia. Através desse diálogo, buscaremos saber o que a prática nos mostra. Pra isso, algumas questões nos auxiliaram a pensar essa prática: Quem é o Educador/a que está inserido no CREAS? Qual é o caráter interventivo do Educador/a no CREAS/SL? Quais aportes teóricos são utilizados pelo Educador Social do CREAS/SL? Para responder a essas questões, aprofundamos alguns conceitos como: Contribuições da educação social na assistência; participação cidadã; formação do educador; política e trabalho. Contribuíram para a construção deste estudo autores como: FREIRE (2002), GOHN (2010), GADOTTI (1983), LÜDKE E ANDRÉ (1988) entre outros. A metodologia configurou-se em um estudo de caso consolidados através de entrevistas semi-estruturadas. Alguns apontamentos sinalizados na análise: o educador que trabalha no CREAS/SL participante e atuante nesta política pública, caminha para além das atribuições, para além da assistência à equipe técnica, contribuindo, intervindo nos processos, promovendo ações, utilizando-se de metodologias voltadas aos princípios da cidadania, buscando resgatar como cidadãos e com os cidadãos, seus projetos de vida, respeitando o seu tempo, seus limites e acreditando que é possível uma educação social, voltada aos saberes populares, ainda que muitas vezes se deparem com as limitações do serviço, da política.

Palavras-chave: Educação Social, Educação não-formal, Assistência Social, Formação

SUMÁRIO

1.	Para começo de conversa	08
2.	Educação social no Brasil, pedagogia social e seus reflexos na política de assistência social em são leopoldo	12
3.	Caminhos da construção metodológica	15
3.1.	Emergências do campo	
4.	Contribuições da educação social segundo os sujeitos	17
4.1	Caráter interventivo do educador e participação Cidadã	20
4.1.1	A oficina	
4.2	Formação do educador e a pedagogia social	
4.2.1	Educação, política e trabalho	25
4.2.2	O educador e a formação	27
5.	A educação social e a intervenção da assistência social na escola	
5.1	uma experiência intersetorial – assistência e educação	30
6.	Considerações finais	35
7.	Referências bibliográficas	37
8.	Anexo A	39
9.	Anexo B	41
10.	Anexo C	44

1. PARA COMEÇO DE CONVERSA

Como parte da avaliação do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos e Privados de Liberdade, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no primeiro semestre de 2012. Pelo inquietamento causado pelas leituras e discussões em aula, associadas à prática cotidiana. Sentimos a necessidade de buscarmos elementos que nos ajudassem a pensar o Educador Social no Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS) na cidade de São Leopoldo.

Inicialmente fizemos uma revisão da bibliografia e do material disponível a partir de 2008, na internet, nos sites da UFRGS, no Scielo Proceedings, na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED- n. 32 e n. 33), entre outros, para verificarmos o que foi e está sendo produzido até o momento. Encontramos três produções mais conectados com nossas questões.

A primeira, realizada por Juliana Holz Luzno, em seu trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, no ano de 2010 na UFRGS, cujo tema é **“Educação escolar e apoio socioeducativo: Um diálogo a ser construído”** – Este estudo nos mostra que educação escolar e não-escolar, atuam em espaços diferentes, onde uma não exclui a outra, embora exista pouca articulação entre elas. Alguns professores desconhecem que seus alunos participavam inclusive do Serviço de Apoio Socioeducativo (SASE), apontando para uma “não-articulação” com outros saberes. Segundo a autora, essa desarticulação se dava também por parte do SASE, que não buscava essa aproximação. Esse trabalho de pesquisa, busca contribuir para que esse diálogo aconteça... Quanto à educação-social: **“Espaços de Educação, item 2.2 - Educadores no espaço escolar e não-escolar”**, a autora traz que:

Na educação formal, o educador (professor) tem seu perfil delimitado, possui graduação específica, direitos trabalhistas, se concursadas, tem estabilidade. (...) Quanto ao espaço físico, são escolas e universidades, possuem Legislação. (...) Os educadores-sociais, conhecidos também por outras nomenclaturas como: monitores, animadores, entre outros, não possuem uma formação específica nem mínima e em consequência, alguns educadores se sentem pouco capacitados para desempenharem tal função. (...) Contam com poucos cursos que lhes auxiliem, não possuem estabilidade. (2010, pag.16)

Não existe regulamentação da profissão. E, em relação ao espaço físico, as oficinas acontecem nos mais diferentes espaços tais como: Associações de moradores, igrejas, organizações não-governamentais, escola aberta, entre outros... “Ao que tudo indica, a função do educador social, ainda está sendo construída. Para autores como Vieira o Educador Social, não tem formação pedagógica, e seu trabalho está ligado ao espaço e ao meio em que este se encontra”(2004). A presença do poder público, também deve ser levada em consideração. Os projetos e objetivos irão determinar a forma como o educador social será definido.

Outro material disponível é de **Camile Pegoraro**. “**O movimento sindical como espaço educativo: formação política do trabalhador**” – Trabalho de conclusão do curso de pedagogia da Ufrgs em 2010. Alguns conceitos atravessaram a pesquisa, tais como: Formação política do trabalhador vinculado ao movimento sindical bem como as possíveis aproximações entre a educação não-escolar e escolar, trabalhando de forma articuladas para a participação política, sendo ambas de grande importância no processo de conscientização e emancipação dos trabalhadores.

O terceiro faz parte do grupo de estudos e pesquisa em linguagens, formação profissional docente e inclusão social (GELFOPIS) vinculado ao IFRN, no campus Macau-RN. O Tema: “**Educação social, pedagogia social e espaços não escolares: horizontes conceituais necessários para o acolhimento de sujeitos em risco na perspectiva do desenvolvimento humano**” Os conceitos centrais materializados no artigo caminham em torno da Pedagogia Social, Educação Social e Espaços não-escolares. A pesquisa tem por objetivo descrever a *‘função dos pedagogos’ – educadores sociais, detectar e analisar os problemas sociais e suas causas bem como promover orientação e relação institucional, além de dialogar com os educandos, Romans, Petrus, Trilla (2003)*”.

Diante do (pouco) material acadêmico encontrado, referente ao objeto de nossa pesquisa, percebemos a necessidade de contribuir e de aprofundar o diálogo a cerca da Educação Social, mais precisamente do Educador, que trabalha nas políticas públicas da Assistência Social. Podemos observar alguns conceitos se aproximam deste estudo, no que diz respeito ao material encontrado: educação formal e não formal; educadores sociais sem formação específica;

várias nomenclaturas; profissão não-regulamentada, entre outras.

O presente trabalho versa sobre questões relacionadas ao educador (profissional de nível médio), previsto a partir da implantação do SUAS. Este sistema, coordenado pelo MDS e criado em 2005 como uma Política de Governo, veio a tornar-se uma Política de Estado, em julho de 2011 após Lei sancionada pela presidente Dilma Roussef.

A Norma Operacional Básica de Recursos Humanos (NOB/RH, 2006) desta política, prevê a contratação de profissionais de nível médio, (no CREAS/SL estes são denominados educadores sociais) e outros profissionais através da realização de concursos públicos.

Os Estados e Municípios, não tem um prazo fixado para adequarem-se ao SUAS, dificultando o processo de inserção via concurso público desses profissionais, dando continuidade às contratações precarizadas, via contratos emergenciais, cooperativados, entre outros. O que mostra a fragilidade das condições de trabalho deste profissional. A prova disso, foi em novembro de 2010, quando a Prefeitura de São Leopoldo abriu processo seletivo via “concurso” (com 1 ano de validade, **podendo ser renovado** por mais um ano) para a contratação de profissionais para a Secretaria de Assistência, Cidadania e Inclusão Social (SACIS), dentre eles o de Educador¹ de Nível Médio. Para nossa surpresa, uma lei ordinária, aprovada em 17 de fevereiro de 2012(véspera de carnaval), revogou a lei anterior, que previa a renovação por mais 1 ano destes contratos administrativos, passando estes a vigorarem somente até 26 de outubro de 2012, sem possibilidade de renovação, a menos que outra lei “ordinária” seja feita.

A justificativa dada pela PGM foi de que um concurso público seria aberto até agosto de 2012 para contratação de Educadores sob regime estatutário. O que não aconteceu.

Este assunto referente à fragilidade e precarização destes vínculos, não abordaremos nesta pesquisa, pois estaremos desviando de nosso objetivo, mas

¹ A participação deste profissional no CREAS/SL, se dá desde 2007.

estamos atentos a esta questão, pois pensamos em um trabalho mais aprofundado! No entanto, não poderíamos deixar de citá-lo.

O objetivo geral da pesquisa é Verificar como se dá o diálogo entre a Educação Social no CREAS/SL e a Pedagogia Social. Através desse diálogo, buscaremos saber o que a prática nos mostra. Pra isso, algumas questões nos auxiliaram a pensar essa prática: Quem é o Educador/a que está inserido no CREAS? Qual é o caráter interventivo do Educador/a no CREAS/SL? Quais aportes teóricos são utilizados pelo Educador Social do CREAS/SL?

Atualmente, o educador/a, por não ter uma profissão regulamentada, por existir várias nomenclaturas para o desenvolvimento das mesmas atividades e por não ter o reconhecimento da pedagogia social como referencial teórico metodológico, incidiu-nos a alguns questionamentos, culminando o Tema da pesquisa. Educação Social: O que a prática nos traz.

2. EDUCAÇÃO SOCIAL NO BRASIL, PEDAGOGIA SOCIAL E SEUS REFLEXOS NA POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL EM SÃO LEOPOLDO.

Ao longo de toda a história, é possível perceber formas diferenciadas de desigualdade social, vinculadas, evidentemente, ao modo de como os grupos sociais produzem sua existência material.

Essa desigualdade social se agrava consideravelmente nas sociedades capitalistas, em virtude de ser introduzida a forma de dominação com base no aspecto econômico. Isso é determinado a partir do momento em que uma parcela diminuta da sociedade se apodera dos meios de produção, alienando a grande maioria destes meios. Restando a classe não detentora dos meios de produção, a venda da força de trabalho.

Os sujeitos são condicionadas a uma ideologia dominante, tornando-se cada vez mais alienado, oprimidos, aceitando essa condição e assumindo uma postura de acomodação. Como consequência, percebe-se claramente a fragmentação de uma classe, que perde sua identidade deixando de exercer seus direitos de cidadão, e um desses direitos é a educação.

Com o olhar voltado à educação, Paulo Freire acredita na ideia de que a mudança possa vir com a participação popular, consciente de seu papel histórico e atuante na transformação da realidade através da leitura do mundo. A partir da década de 40, uma série de movimentos sociais irão se caracterizar como políticos-emancipatórios em toda a América Latina. No caso do Brasil, a educação popular, será fundamental nesse processo. A pedagogia social começava a difundir-se em outros Países da América como, Uruguai, Argentina entre outros neste mesmo período.

Na Europa, segundo Caliman, a pedagogia social inicia com Pestalozzi e Froebel e anteriormente com ações do cristianismo:

Foram as problemáticas sociais que emergiram da industrialização, a partir da metade do século XIX, especialmente na Alemanha, que motivaram tal sistematização da pedagogia social como ciência e como disciplina. (CALIMAN, 2006)

Reafirmado por Gohn “(...) há inúmeras concepções e correntes de abordagens da pedagogia social. Alguns estudiosos citam como seus precursores Platão, Comenius, Pestalozzi e Froebel” (2010, pag.30). A educação social encontrou na educação não-formal, um campo latente de atuação, onde esta não está limitada as classes menos favorecidas, tampouco à assistência social, tendo o respaldo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 Art. 1º, inciso 2º.

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social...

Conforme a Constituição de 1988, a assistência social está garantida como direito do cidadão no tripé da Seguridade Social (Saúde, Assistência e Previdência Social). A LOAS define a assistência social como direito do cidadão e da cidadã e dever do Estado, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade.

Nesse contexto, O Conselho Nacional de Assistência Social aprovou em 2004, o SUAS como Política Nacional de Assistência Social. O Sistema passou a ser implantado e implementado em todo o país, contribuindo para processos de emancipação das famílias e indivíduos que acessam essa política, através do fortalecimento de suas potencialidades.

O processo de construção de uma política pública de assistência social em São Leopoldo iniciou-se no ano de 2005, conforme critérios da PNAS e LOAS, em consonância com a NOB-SUAS. A Secretaria Municipal de Assistência, Cidadania e Inclusão Social (SACIS), criada neste mesmo período, é a principal responsável pela implementação desta política no município.

Com a municipalização das Medidas Socioeducativas no município no ano de 2007, se faz necessário à figura de um importante sujeito para execução de determinadas atividades como, por exemplo, coordenar e planejar oficinas socioeducativas para adolescentes em cumprimento de medida de PSC e LA.

Entram, via contratos emergenciais ou cooperativados, os Educadores Sociais, que começam neste momento a construção de uma caminhada na Assistência em São Leopoldo.

No entendimento da Pedagogia Social, o educador que trabalha na assistência social, não é educador social e sim, trabalhador social.

Ressalta-se que o Educador Social tem a Pedagogia Social como referência. Distingue-se do Trabalhador Social pelo caráter de sua intervenção: o Educador Social atua no campo de intervenção sócio-educativa, enquanto ao Trabalhador Social compete a assistência social, a análise sistemática da realidade, a coleta de dados e de informações que subsidiam a própria intervenção do Educador Social. (MACHADO, E. M. 1998).

Segundo a autora o educador que trabalha na Assistência Social não é visto como educador social. Para ela, este profissional não atua na intervenção socioeducativa, ele apenas auxilia-a, dando suporte ao Pedagogo.

3. CAMINHOS DA CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

A partir da revisão bibliográfica, definimos o método de trabalho. Como metodologia articuladora, fizemos um estudo de caso. Segundo Lüdke e André (1986 e pag.21), “o objeto estudado é tratado como único, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada.” Realizamos entrevistas semi-estruturadas, que nos permite flexibilidade, e possíveis adaptações, a partir de uma organização prévia.

Conforme já citadas, encontramos três produções acadêmicas, que trazem um pouco da construção dos caminhos percorridos pelo educador social. Partiram de revisão bibliográfica, como metodologia utilizaram estudo de caso, e as seguintes técnicas: pesquisa documental, pesquisa etnográfica, entrevistas semi-estruturadas, questionário-roteiro, observação e diário de campo como suporte metodológico. Permitindo-nos a construção metodológica desse estudo.

Foram entrevistados cinco educadores/as, três do sexo feminino e dois do sexo masculino, quatro educadores ingressaram no CREAS via processo seletivo (contrato administrativo), e um atendente social (estatutário). Todos participando de algum curso de graduação (lic. em sociologia; serviço social; lic. biologia; lic. música, ciências jurídicas e sociais). Três Assistentes Sociais, uma Psicólogos/as, uma Coordenador/a, uma (ex)coordenadora. Achamos pertinente, a realização das entrevistas com as duas coordenações, pois a anterior permaneceu no CREAS por quatro anos, saindo em janeiro deste ano, e contribuindo muito com este estudo. Dados secundários de identificação como cargo, idade, gênero, escolaridade e profissão foram estabelecidos. Serviram como material de apoio, os registros das oficinas de adolescentes em cumprimento de MSE, avaliação dos adolescentes em relação ao serviço oferecido, reuniões de equipe entre outros. Tanto nas entrevistas e a distribuição de materiais quanto nas avaliações que realizamos posteriormente, buscamos evidenciar a fala dos/as sujeitos/as com quem se dialogou.

3.1 Emergências do campo

Buscando verificar como se dá o diálogo entre a Educação Social no CREAS/SL, e a Pedagogia Social, entendemos como pertinentes a construção da tabela abaixo para conhecermos os sujeitos.

Sujeitos Entrevistados

Sujeito	Cargo	Faixa Etária	Gênero	Escolaridade/curso	Profissão
1	Atendente Social	21-30	Feminino	Lic. Sociologia (em curso)	Educador Social
2.	Educador de nível médio	20-30	Feminino	Bel. Serviço Social (em curso)	Educador Social
3.	Educador de nível médio	31-40	Feminino	Lic. Biologia (em curso)	Educador Social
4.	Educador de nível médio	20-30	Masculino	Lic.Música (em curso)	Educador Social
5.	Educador de nível médio	20-30	Masculino	Bel. Ciências Jurídicas e Sociais (em curso)	Educador Social
6.	Técnico-social	31-40	Feminino	Pós-Graduação	Assistente Social
7	Técnico-social	31-40	Feminino	Pós-graduação (em curso)	Psicóloga
8.	Técnico-social	20-30	Feminino	Pós-graduação	Psicóloga
9.	Técnico-social	20-30	Feminino	Pós-graduação (em curso)	Assistente Social
10.	Técnico-social	20-30	Feminino	Pós-graduação (em curso)	Assistente Social
11.	Técnico-social	40-50	Feminino	Pós-graduação	Assistente Social

Conforme a tabela à cima, é possível perceber, que há um consenso entre os educadores de nível médio e atendente social, quanto a sua profissão, todos se denominam educadores sociais, embora exerçam cargos diferentes, com idades que variam entre 20 e 40 anos e participam de algum curso superior, três cursando licenciatura, e dois cursando bacharelado.

Referimo-nos ao cargo de técnico-social, o servidor de nível superior, seja ele público ou contratado, apenas para entendermos melhor a tabela. São eles: um psicólogo, três assistentes sociais, um coordenador e um ex-coordenador. O grupo poderia ter sido mais heterogêneo, mas a saída de alguns membros da equipe no período que compreendeu os meses de abril a junho por vencimento de contrato, acabou impossibilitando a realização das entrevistas com outros componentes que fizeram parte do processo, mas não inviabilizou a pesquisa. Tampouco realizamos a mesma com os novos integrantes, pois não havia tempo de trabalho suficiente com estes profissionais ou até mesmo por desconhecerem até o momento o trabalho do educador.

4. CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO SOCIAL SEGUNDO OS SUJEITOS

No CREAS/SL, o educador social trabalha com um olhar voltado para o todo. Levando em consideração aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos, sem perder o caráter histórico, construindo espaços de formação, de informação e despertando no usuário que acessa o serviço socioassistencial à contribuição para uma reflexão crítica, até mesmo pelo tipo de serviço que é oferecido pelas políticas públicas.

Estávamos convencidos, e estamos, de que a contribuição a ser trazida pelo educador brasileiro à sua sociedade em “parteamento”, ao lado dos economistas, dos sociólogos, como de todos os especialistas voltados para a melhoria dos seus padrões, haveria de ser uma educação crítica e criticizadora... (FREIRE, P. 1979 pag.86)

...”Os técnicos são importantes também, mas por vezes concentram-se na sua tecnicidade, na sua prática mais limitada ao que as profissões norteiam. O ES tem base na educação popular no trato do sujeito na sua realidade, respeitando esse saber, essa experiência”... (TS6) segundo a equipe do CREAS/SL, o educador, é tão técnico ...”quanto os assistentes sociais, psicólogos...as diferenças estão nas atribuições que devem ser respeitadas. Contribuem nas evoluções de prontuários, na construção de relatórios, nos atendimentos”... (T.S 11). Outra importante contribuição da educação social é seu papel articulador, na equipe, nas redes, no trabalho intersetorial. Os programas e projetos precisam estarem conectados com as redes, com as políticas. Citamos como exemplo, as discussões de caso com a rede de atendimento às famílias, onde é possível construir algo juntos. Destacamos a seguinte fala: ...”O Educador Social é um elo importante entre os serviços e os sujeitos que os acessam”...(TS6)...”se eu fosse escolher uma palavra para representar a contribuição do trabalho do educador social dentro do CREAS, esta palavra seria articulação...o educador social tem um grande potencial para conectar o trabalho dentro da equipe interdisciplinar, para fazer um elo entre os serviços do CREAS e os outros serviços da rede e para estabelecer pontes entre o CREAS, o território e os usuários”...(T.S7) o educador, percebe seu trabalho tendo em vista, a ...”visão do indivíduo como um todo, por ter a noção do todo, o educador consegue um vínculo mais forte com o usuário...(E.S2)

...com foco na educação, na saúde, cidadania, no acesso aos direitos...(E.S3)...Articulação, com os outros atores da rede, no trabalho intersetorial; profissional que mais se aproxima com o usuário...(E.S4)...flexibilidade de conhecimento, gerando uma volatilidade no atendimento com o usuário. No serviço especializado, por ter casos de maior complexidade, acho importante a contribuição do educador social. Traz questões e didáticas que o serviço social e a psicologia não irão alcançar ...”(E.S5)

Os educadores trazem para o CREAS, uma proposta de educação mais dinâmica nas equipes, transitando por todos os serviços, nas discussões de caso, no trabalho interdisciplinar. Conforme: *...”Proposta de trabalho mais dinâmica da educação dentro da equipe. Maior liberdade, mobilidade nas atividades”... (T.S8) São dinâmicos, trazendo suas vivências na forma de trabalhar com esse segmento da população...(T.S9)*

O educador social tem papel fundamental na equipe interdisciplinar, contribuindo para a discussão dos casos, para a articulação entre as profissões, articulação entre os serviços internos e externos e representação do CREAS nas redes de serviços socioassistenciais. O educador social potencializa os vínculos e tem as fortes características da presença com o usuário.(MIRON, A. pag.56)

4.1 Caráter interventivo do educador e participação cidadã

...“os Educadores Sociais são importantes, para dinamizarem e construir o processo participativo com qualidade. O diálogo, tematizado – não é um simples papo ou conversa jogada fora, é sempre o fio condutor da formação”. (GOHN, M.G p.51)

4.1.1 A oficina

As oficinas socioeducativas acontecem quinzenalmente, e são uma das formas de acompanhamento dos adolescentes em cumprimento de MSE de LA. Tem por objetivo o auxílio e orientação ao adolescente, com enfoque socioeducativo, priorizando a socialização, a responsabilização do adolescente e sua família, levando em consideração sua trajetória de vida, suas experiências, seus valores, sua cultura. As temáticas abordadas, sempre demandam do que eles trazem. ...”*em muitas situações, percebia o educador muito mais próximo da intervenção do que os outros profissionais e por isso, com a possibilidade de propor intervenções mais coletivas que fossem além da situação individual a ser atendida*”... (T.S10).

A produção da oficina fica por conta de educadores e estagiários que compõem também a equipe (hoje, são estagiários de psicologia, com forte atuação no serviço) e eventualmente com alguma outra contribuição.

Relato de uma oficina que aconteceu no ano passado na antiga sede do CREAS, em que discuiu-se as “abordagens da Brigada Militar com adolescentes”.

Diário de Campo:

“Chegamos (Eu e a estagiária de psicologia) na SACIS às 13h para preparar a oficina. Instalo o computador, o data show para a apresentação do power point referente a “violência da polícia nas abordagens com adolescente”.

A sala conta com cadeiras, uma mesa grande e alguns cartazes. O cheiro é muito ruim, pois ali também serve para depósito de desinfetante, água mineral e até mesmo alguns caixões. Não é uma sala própria para as oficinas. Esta sala, fica nos fundos da SACIS, era uma antiga garagem.

São 13h e 50min, os adolescentes, num total de 6, sendo que cinco são meninos e uma menina, estão em cumprimento de medida socioeducativa de Liberdade Assistida.

Escolhemos os temas das oficinas, de acordo com os Atos Infracionais e também a partir das demandas trazidas por eles, nos atendimentos individuais e nas próprias oficinas.

Esta oficina, especificamente, foi elaborada, a partir do relato de um adolescente que foi vítima de uma abordagem agressiva por parte da Brigada Militar. O jovem havia chegado no dia anterior à oficina nos relatando o fato, sendo inclusive ameaçado de morte. Por se tratar de um atendimento individual, e este ser sigiloso não disponibilizaremos o relato. Sendo assim elaboramos a oficina, pois mais adolescentes já haviam reclamado das abordagens e das frequente agressões por parte da Brigada.

Na ocasião, passamos um “power point”, e à medida que cada slide é apresentado, abríamos para o debate. Todos eles (6 adolescentes) já haviam passado por alguma situação vexatória ou já foram agredidos pela polícia, chegando a ponto de serem agredidos fisicamente, descumprindo o próprio ECA, que diz o seguinte:

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Em um dos slides, mostramos as seguintes notícias de jornais:

- Em 26 de julho de 2010, um garoto é morto a queima roupa por policiais em Fortaleza na garupa da moto do pai. Segundo os policiais, foi uma abordagem

trágica. O pai não parou e o policial não hesitou. Com um tiro na cabeça o garoto com 14 anos perde a vida... (www.inesc.org.br › Biblioteca › Publicações › Artigos)

- O estudante negro Helder Souza Santos no dia 06 de fevereiro de 2011 em Jaguarão / RS foi abordado de forma truculenta por policiais militares para uma revista. Ao questionar o procedimento o estudante foi agredido, jogado no chão algemado com ofensas racistas...

(www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=151027&id...)

Alguns comentários dos adolescentes sobre as notícias:

...”A violência irá gerar mais violência... Eles pensam que batendo, nós iremos ficar com medo, mas não é assim... A violência gera raiva também na família... Imagina os pais da gente”... (G. 16);... ”deveriam cumprir mais as obrigações e não com violência. Deveriam agir conforme a lei e não de acordo com o que eles querem...Terem mais respeito. Não concordo”...(F. 17a) ...”Olham a roupa que tamos vestindo e tiram a gente prá vagabundo...”(H. 17a). “... Só porque tamo cumprindo medida... vamo apanhar...” (G.16a.).

O relato de um adolescente: *“Mas muita coisa que o “Mota²” fala é verdade. Que traficante tem que matar tudo”...(I. 15a)”*

Esse tipo de relato é recorrente entre os adolescentes, uma das características, segundo Paulo Freire da “consciência ingênua” que segundo o autor: *“... Revela uma certa simplicidade, tende a um simplismo, na interpretação dos problemas... Não se aprofunda na causalidade do próprio fato. Suas conclusões são apressadas, superficiais”...(1979, p.19).*

Conversamos sobre a importância do debate acerca deste assunto, da necessidade de tecerem um olhar mais crítico a respeito das notícias veiculadas nos meios de comunicação. Reafirmamos a importância de se procurar uma segunda ou terceira opinião sobre o que está sendo abordado, não se limitando apenas a uma informação, mas discutir o assunto com outras pessoas.

² Apresentador do programa Balanço geral.

O Educador Social ajuda a construir com seu trabalho, espaços de cidadania no território onde atua. Estes espaços representam uma alternativa aos meios tradicionais de informação que os indivíduos estão expostos no cotidiano, via os meios de comunicação principalmente a TV e o rádio. (GOHN,M.G-p.37)

Ao terminar a oficina, um texto foi redigido (*anexo_A*), para ser levado a reunião da Câmara Gestora para que uma atitude fosse tomada em relação às abordagens, mas ...”*Acredito que na maioria das situações o educador social trabalhava diretamente na intervenção, porém, dependendo da situação, alguns limites surgiam*”...(T.S10) a assessoria jurídica, não achou pertinente, alegando que deveria ser escrito com uma linguagem mais formal, mais política, refazendo o texto, descaracterizando totalmente o que havia sido produzido. ...”*existe uma disputa de concepções a respeito do trabalho do educador social, e as divergências na forma de pensar sobre o seu trabalho muitas vezes acabavam por impedir seu potencial*”... (T.S10) Sendo assim, conforme entrevistas abaixo, podemos perceber que segundo a equipe, o educador social do CREAS trabalha diretamente na intervenção: ...”*toda a ação do educador é voltada para a intervenção socioeducativa. Grupos de familiares, oficinas, que fogem ao atendimento individual tem a ação direta*”(E.S1)...ou ainda: ...”*estão sempre dispostos, contribuindo, intervindo nos processos, intervindo com os usuários*...”(T.S9) ...”*é uma das demandas mais importantes que se apresentam para o educador dentro do CREAS, especialmente no SEAS - através da abordagem, e nas MSE – através de oficinas*”...(T.S7). Para Gohn: “O Educador Social ajuda a construir com seu trabalho espaços de cidadania no território onde atua... (2010- p. 52)...”*Percebo forte o papel mobilizador...Construção de Projetos para intervenção, como por exemplo o Projeto “Entre nesse bonde você também”*... (E.S1)...*trazem questões como cidadania, acesso aos direitos*...(E.S3)

Para finalizar este diálogo sobre o caráter interventivo do educador e a participação cidadã trazemos a seguinte fala: ... “*como outros profissionais,*

mas mais inserido na realidade das pessoas, quando insere-se neste meio você faz essa interface, atua nestas dimensões, não há como fugir ou separar, essas dimensões estão na vida do sujeito. Penso que a participação de um bom ES é sempre cidadã, sua participação e atuação vai até o limite do outro, com respeito às diferenças. Se o ES faz a leitura da realidade para agir a partir dela, ele certamente tem participação e atuação cidadã. (TS6).

4.2 Formação do educador e a pedagogia social

Este mesmo conteúdo (seja da educação formal ou não, laica ou religiosa, dirigida a adultos ou a crianças) também representa ou sofre influência dos valores sociais da classe dominante e das disputas e relações de poder presentes em cada sociedade (CARVALHO, J.O.; CARVALHO, L.R.S.O. 2006)

4.2.1 Educação, política e trabalho

Ao longo da história, percebemos como a relação Educação x Trabalho vem se formando, e se afirmando. A educação no Brasil obedece a lógica neoliberal, introduzida no Governo Collor de Melo na década de 90, onde teve início uma série de privatizações tendo sequência nos governos seguintes.

O Sistema Educacional desempenha um papel fundamental dentro da perspectiva neoliberal, que trata a educação básica como prioridade, pois ela é fundamental no processo de globalização. Podemos analisá-la sob dois aspectos:

Direcionamento da formação, atendendo aos objetivos da produção capitalista e;

O liberalismo como sendo a única forma de organização social através da livre iniciativa;

O Banco Interamericano de Desenvolvimento passa a dar prioridade à educação básica, nos países em desenvolvimento, pois esta dará condições para a globalização. (Conforme aula pública 17/03/2011 Ufrgs – Prof. Kátia Lima – “Organismos internacionais e políticas sociais no Brasil em tempos neo-liberais”)

O Estado não dará conta nem dessa demanda nem de outras políticas públicas, deixando para a iniciativa privada a única alternativa. Os investimentos no Ensino Básico passaram a ser maiores, pois o mercado necessita de mão de obra “qualificada”. Dentro dessa perspectiva, a educação, que é um direito de todos, passará a ser um serviço comercializado. O ensino superior, que é um “direito público”, será um produto a ser vendido, focado nos interesses meramente economicistas, voltados para o livre mercado. Gadotti nos traz um questionamento: “Pode a universidade preparar esses novos profissionais

para que assumam a tarefa de formular uma concepção de mundo adequada aos interesses populares?” (1983-p.141).

De acordo com Mészáros, não existe educação emancipatória dentro da perspectiva de educação formal: “... *educação formal [...] é produzir conformidade ou consenso*”... (2005, pag.45). O desafio aqui é romper com a lógica do capital. A educação não-formal passa a ser essencial, não se contrapondo a educação formal, são campos diferenciados atravessados pelo social. Conforme Gohn, “(...) é importante destacar que: a educação não-formal não deve ser vista, em hipótese alguma como algum tipo de proposta contra ou alternativa à educação formal, escolar”. (2010, pag.40)

Suas principais características consistem na coletividade, em projetos sócio-políticos pedagógicos, onde os saberes são diferenciados, atravessados por um viés interdisciplinar e muitas vezes transdisciplinar. Segundo a equipe do CREAS, a formação do educador deve contemplar: “... *experiência na área, a bagagem anterior... o desafio é conhecer a prática do outro para construir trabalho interdisciplinar... fortalecer isso, esse espaço de troca conhecer o outro e como colocar isso em prática.*”... (T.S10). ...”*um plano de atendimento sempre pensando que a educação popular também é como a educação formal, uma via de duas mãos, onde aprendemos e ensinamos concomitantemente*”... (E.S5)

(...) o aprendizado do Educador Social numa perspectiva Comunitária realiza-se numa mão-dupla - ele aprende e ensina. O diálogo é o meio de comunicação. Mas a sensibilidade para entender e captar a cultura local, do outro, do diferente, do nativo daquela região, é algo primordial. (GOHN, 2010, pág.51)

É importante salientarmos que a educação não-formal se desenvolve em uma perspectiva de mundo e sociedade que pode ser transformado, conforme T.S7:...”*a formação talvez deva contemplar tanto aspectos filosóficos, políticos e sociológicos acerca das relações de saber-poder, quanto aspectos que permitam a construção de práticas socioeducativas diferentes daquelas orientadas à educação escolar tradicional*”... se trabalharmos na lógica da cidadania, da educação emancipatória. Mas, ficando claro, que não estamos falando da “educação emancipatória” conforme descrita na LDB 9394/96.

A proposta de educação, assumida historicamente pelo País, demonstra uma subordinação frente ao modelo capitalista periférico onde se percebe a

preocupação em formar uma de uma mão-de-obra que responda, diretamente, e sem nenhuma perspectiva de interação aos desejos dos diversos modelos econômicos adotados, desde a colônia onde somente os filhos da elite, quer sejam nobres ou comerciantes, do sexo masculino, tinham acesso a uma espécie de educação formal, até os dias de hoje quando, estes, travestidos por um discurso democrático, bradam: “a educação é um direito de todos”.

4.2.2 O educador e a formação

O educador social, busca conquistar cada vez mais seu espaço, não só na assistência, mas, dialogando com as demais Políticas, se inserindo nas redes, participando de formações em seminários, cursos de extensão, de debates, de embates, apresentando propostas. (MIRON, A. p.59)

...”Penso também que a formação deve ser entendida como um processo que se inicia antes de um curso (seja técnico ou de graduação) e que continua após o mesmo”...(T.S7). Sendo assim, entende-se que a formação do educador social deva ser, ...”mais política com certeza. Que leve em consideração o espaço em que o profissional vai se inserir, mas principalmente, que tenha uma direção política, no sentido de compreender a realidade de forma crítica, percebendo os processos sociais mais amplos que envolvem o atendimento da população usuária da assistência social. Onde o trabalho do educador social esteja alinhado com os princípios de democracia e universalização dos direitos sociais, colocados na Constituição Federal de 1988”... (T.S9).

A formação do educador está atrelada as suas vivências, experiências, comprometimento político, e por não ter uma formação específica, por não reconhecer a pedagogia social como único referencial, buscam instrumentalizar-se em formações continuadas, seminários, palestras, cursos de extensões entre outros. Conforme a fala dos educadores: ... ” *Não, o aporte teórico deve ser baseado na educação popular, nos princípios Freirianos*”...(ES2)...” *Não, percebo mais a educação popular*”...(ES5) ou ainda, o reconhecimento da pedagogia social como sendo...”*um dos aportes teóricos*(ES3)...*ela sozinha não*(ES1)

Conforme o diálogo com os educadores questionamo-nos onde buscam sua formação: ...”*Seminários, palestras, leituras, trocas entre educadores, a prática do trabalho traz muita informação... trocas de experiência com outros profissionais...na prática*”...(E.S5)...”*Não imagino o Educador atrelado as pedagogias... tem que ter um currículo muito diversificado que abarque as questões do sujeito, foco no sujeito e nas questões culturais, entender o indivíduo nos grupos que o constitui enquanto sujeito...As licenciaturas são muito amplas* (E.S3) ...*A formação deve ser contínua, com a equipe de trabalho, e individual, de estar buscando nos livros, nas pesquisas, lincadas com a prática*...(E.S4)...*Cursos Seminários. Até porque a Educação Social tem suas especificidades de trabalho. Não é algo que contemple somente a bagagem técnica, tampouco a bagagem teórica.*

A complexidade das circunstâncias da demanda exige o entrelaçamento de saberes, e como o educador não tem uma formação específica prévia, deve ter o comprometimento da busca de conhecimento. (MIRON, ANO 2012, p.64)

A literatura utilizada pelos educadores do CREAS/SL, além das específicas de seus cursos de formação superior, são: *Paulo Freire... Maria da Glória Gohn, a Legislação, a Política, a NOB, Tipificação, Eca...a LOAS*(E.S3)... *a Literatura de Portugal...* e trazem um pouco a dificuldade no acesso pois, ...”*não existe muito material*...(E.S4). Além disso, o educador, entende como parte de sua formação, as vivências, as histórias de vida, busca construir seu espaço no diálogo entre teoria e prática, levando em consideração aspectos sociais, culturais, políticos e

históricos do sujeito, contribuindo para uma sociedade mais crítica, sua formação *...”é reflexo da prática, da vivência de cada um, ainda mais se for falar da educação social que tem uma amplitude infinita, não tem limites, por que todo o saber que é absorvido pode ser utilizado nas intervenções feitas pelo educador”...*(ES5). Não existe apenas um caminho a ser seguido, uma única metodologia, uma cartilha. Mas...

(...) há metodologias que supõem fundamentos teóricos e ações práticas-atividades, etapas, métodos, ferramentas, instrumentos etc. O espontâneo tem lugar na criação, mas ele não é o elemento dominante no trabalho do Educador Social, pois o seu trabalho deve ter: princípios, métodos e metodologias de trabalho”. (GOHN, 2010, pág.51)

...”No CREAS as intervenções nos atendimentos, na busca ativa... especificamente no SEAS, que é um serviço encaminhador, é importante conhecer o sistema. As possibilidades de encaminhamento que o sistema oferece para essas situações”... (ES5).

O objetivo é trabalhar para o exercício da cidadania. O educador passa a ser um mediador neste processo, e entende que a educação é um ato político e amplo, para além da escola formal. *...”Por isso é importante essa formação que dê propriedade ao educador sobre temas como Direitos, Cidadania, Educação Social”...*(E.S5).

5. A EDUCAÇÃO SOCIAL E A INTERVENÇÃO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL NA ESCOLA

5.1 Uma experiência intersetorial – assistência e educação

Essa experiência surgiu a partir da entrada de oito adolescentes para cumprir MSE em meio aberto (PSC e LA), por conta da participação destes em “Bondes³”, em junho de 2011 e do 3º Seminário do CREAS que ocorreu no dia 22/07/2011, na cidade de São Leopoldo, onde foi discutido o Trabalho Interdisciplinar nas Equipes de Referência. Durante o grupo de trabalho “*O trabalho interdisciplinar com adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas*”, temas como violência letal, visibilidade do jovem frente à escola, prevenção a violência, sexualidade, entre outros, pautaram o debates. Entendemos a importância de serem trabalhadas essas temáticas para que os adolescentes ao se apropriarem estejam instrumentalizados frente a situações adversas, que venham a contribuir para a formação enquanto cidadãos não só de deveres, mas também de direitos.

Observando a crescente demanda de adolescentes de São Leopoldo para cumprir medidas socioeducativas, percebemos a necessidade do desenvolvimento de ações que contribuíssem à prevenção da violência entre os jovens do município. Neste sentido, entendemos a parceria com as escolas um dispositivo fundamental na ação preventiva, considerando que nela ocorrem processos de interações fundamentais para o desenvolvimento dos adolescentes: “*É na escola que, além da aprendizagem formal e do desenvolvimento cognitivo, os jovens aprendem a conviver, cooperar, compartilhar, competir, e buscar seu espaço em um contexto social mais amplo*” (LISBOA & KOLLER, 2004). Dessa forma, percebemos o ambiente escolar como potente para o desenvolvimento de ações voltadas a prevenção da violência e ao protagonismo juvenil.

De acordo com Milani e Guimarães (2004), a construção da Cultura de Paz passa por transformações na qualidade das relações sociais. Assim, oportunizar

³ *Grupos de adolescentes que se aproximam dentro da escola e fortalecem suas relações através das redes sociais virtuais, muitas vezes com o objetivo de cometer atos infracionais.*

aos adolescentes espaços de discussão acerca da temática da violência e da realidade a que fazem parte significa possibilitar o desenvolvimento de novas formas de interação. Através da expressão de suas opiniões, dúvidas e ansiedades, permitindo, assim, que os adolescentes possam visualizar diferentes formas de resolução de conflitos e exercitar o pensamento crítico acerca das diversas situações que se apresentam em seu cotidiano.

Em agosto de 2011, escrevemos o projeto “Entre nesse bonde você também”⁴ e apresentamos a equipe de MSE, a coordenação e a equipe do CREAS, que apoiaram inteiramente a proposta. A partir daí fomos atrás dos parceiros, buscando apoio na Rede de Medidas Socioeducativas ao qual fazemos parte no Vale dos Sinos e pudemos contar com parcerias como a do CASEMI, SMED, PROAME, MULHERES DA PAZ, entre outros. Foram inúmeras reuniões até se chegar as escolas com as quais trabalharíamos.

Escolhemos duas escolas pelos seguintes motivos: A primeira, por situada em uma região de São Leopoldo onde tínhamos o maior número de adolescentes em cumprimento de medidas. O primeiro encontro com uma das escolas consistiu em uma roda de conversa com os professores, no intuito de sensibilizá-los acerca dos objetivos do trabalho, além de apresentar-lhes os serviços socioeducativos e refletir acerca da temática da violência entre os jovens e suas possibilidades de enfrentamento. Os professores, no primeiro momento, não foram muito receptivos, pois acreditavam que seria mais trabalhoso e nos questionaram muito quanto à execução das atividades, mas acolheram quando ouviram a proposta. Nesta, trabalhamos com 5 turmas de quinto e sexto ano, onde os adolescentes juntamente com os professores fizeram a escolha das temáticas. Eixos de trabalho: bullying, mediação de conflitos, preconceito, vivência na rua.

A outra escola, por ficar próxima ao CASEMI e acolher os adolescentes desta instituição, trabalhamos com duas turmas da modalidade EJA. Os Eixos

⁴ O nome do projeto faz alusão aos "bondes"(Grupos de adolescente que se encontram para brigarem). A proposta é dar novo significado à expressão, associando-a a novas formas de interação e de resolução de conflitos.

escolhidos por esta escola foram: bullying e família e não tivemos nenhuma negativa por parte dos professores, que apoiaram desde o início a proposta.

Inicialmente, foi um projeto piloto, aplicado durante o mês de novembro e início de dezembro nestas escolas, com o intuito de avaliar a efetividade da proposta, metodologia e viabilidade de ampliação das intervenções para outras escolas da Rede.

Os encontros foram realizados com os alunos, durante dois períodos de aula semanais, com cada turma paralelamente. As turmas participantes foram definidas juntamente com os professores.

Os encontros ocorreram em formato de rodas de conversa e utilizando dispositivos como vídeos, técnicas grupais, apresentações e trabalhos de livre expressão para fomentar as discussões.

A roda de conversa consiste em uma metodologia bastante utilizada nos processos de intervenção comunitária, consiste em um método de participação coletiva de debates acerca de uma temática, através da criação de espaços de diálogo, nos quais os sujeitos podem se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmos. O principal objetivo desta metodologia é motivar a construção da autonomia dos sujeitos por meio da problematização e socialização de saberes e da reflexão voltada para a ação. Assim, ela envolve um conjunto de trocas de experiências, conversas, discussão e divulgação de conhecimentos entre os envolvidos nesta metodologia (NASCIMENTO & SILVA, 2009).

As Rodas de Conversa buscam proporcionar a cada integrante a oportunidade de falar ou expressar o que pensa. O método é semelhante às reuniões de grupo, com um moderador para facilitar a participação das pessoas. O diferencial do método é a disposição do grupo em forma de círculo, e o foco em um tema. No final da Roda de Conversa pode se definir ações, a partir das ideias de consenso (REBIDIA, 2009).

Dessa forma, desenvolvemos o projeto piloto “Entre Nesse Bonde Você Também” em duas escolas da rede municipal de São Leopoldo. O projeto consistiu no desenvolvimento de oficinas socioeducativas a partir de temáticas relacionadas às diferentes formas de violência presentes no cotidiano dos adolescentes. Tendo como metodologia o desenvolvimento de rodas de

conversa, que permitiram aos alunos a reflexão acerca da sua realidade, bem como a expressão e ressignificação das diversas formas de violência vivenciadas.

No entanto, tratando-se de questões extremamente complexas, como raízes sociais e culturais, percebe-se a necessidade de dar continuidade ao processo desenvolvido, com o intuito de aprofundar os temas trabalhados e contemplar novas temáticas, inclusive sugeridas pelos próprios alunos.

Além disso, na segunda etapa do projeto, iniciada em 14 de agosto de 2012, objetivamos a inserção dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, como participantes nas oficinas, tendo em vista os parâmetros norteadores do SINASE, de propiciar ao adolescente o acesso aos direitos e às oportunidades de superação de sua situação de exclusão, de ressignificação de valores, bem como o acesso à formação de valores para a participação na vida social (pág. 51).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, ao longo de vários anos, e a história está aí para comprovar, que a Educação, é considerada a esperança para a resolução dos problemas sócio-econômico-culturais, frente às desigualdades sociais existentes na sociedade brasileira como um todo. Embora saibamos que esta política não assumirá esta responsabilidade, pois está comprometida e a serviço do capital. Romper com essa lógica, seja na área da educação, seja na assistência ou em qualquer outra política significa desmistificar, desenraizar um sistema perverso que durante séculos é assimilado e internalizado, por uma alternativa concreta. É neste sentido a importância da educação social nas instituições, questionando, desconstruindo, desacomodando, juntamente com as outras áreas, o que está posto.

O objetivo desta pesquisa foi verificar como se dá o diálogo entre a educação social no CREAS/SL, e a pedagogia social. Não podemos pensar a educação social no Brasil, hoje, sem referenciar Paulo Freire e a educação popular, o compromisso com uma sociedade crítica, onde os saberes populares são levados em consideração. Essa lógica educacional é orientada pelo dinamismo da realidade, pela construção do sujeito educando, pela leitura de seu cotidiano e pela participação transformadora. A educação social no CREAS/SL tem suas bases na Educação Popular.

Para a pedagogia social, uma das funções do educador (pedagogo) é: “(...) de cunho socioeducativo, relacionadas à comunidade, ao desenvolvimento de projetos comunitários, com a contribuição de vários profissionais” (COFFERRI, F. F. NOGARO, 2010 pág.13).

Ou ainda:

(...) elaboração, acompanhamento e avaliação do plano de trabalho educativo, realizado tanto individualmente ou em equipes multidisciplinares; relacionadas com a intervenção exclusivamente educativa, em que o educador social fará parte de todo processo. (COFFERRI, F. F. NOGARO, 2010, pág.13)

O que verificamos acima, e que dialoga com nossas práticas, é que o educador social que trabalha na assistência, tanto quanto o educador social (pedagogo), contrariando até mesmo as atribuições do cargo de educador da assistência, que dentre elas nos diz o que cabe ao educador: *“Assistir a equipe técnica no levantamento de dados e informações para a elaboração de planos e programas de trabalho social; utilizar e articular, sob supervisão técnica dos CRAS e do CREAS, os recursos comunitários propondo, organizando e acompanhando atividades educativas, recreativas e/ou culturais...”* Percebemos, neste diálogo, que o educador que trabalha no CREAS/SL participante e atuante nesta política pública, caminha para além das atribuições, para além da assistência à equipe técnica, contribuindo, intervindo nos processos, promovendo ações, utilizando-se de metodologias voltadas aos princípios da cidadania, buscando resgatar como cidadãos e com os cidadãos, seus projetos de vida, respeitando o seu tempo, seus limites e acreditando que é possível uma educação social, voltada aos saberes populares, ainda que muitas vezes se deparem com as limitações do serviço, da política.

Não percebemos diferença entre o educador social que trabalha na assistência e o educador social do curso de pedagogia em suas práticas. Segundo as diretrizes curriculares nacionais para o curso de pedagogia, dentre elas, destacamos:

[...]identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e prepositiva em face de realidades complexas, com vista a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras; realizar pesquisas que proporcionem conhecimentos, entre outros; [...] atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária; trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo”... (parecer 05/2005)

O que diferencia, é que um possui um título, tem reconhecimento profissional, e claro, não menos importante, os valores pagos a esses profissionais.

Na prática, o educador social que trabalha na assistência, também realiza seu trabalho com ética, realiza projetos de intervenção que proporcionam autonomia aos sujeitos, identifica problemas sociais apontando junto aos outros profissionais (pois entende que o trabalho é interdisciplinar) alguns possíveis caminhos, participando de todo processo de intervenção, do processo socioeducativo, desenvolvendo projetos para as comunidades.

Para Freire: *“A mudança não é exclusiva de alguns homens, mas dos homens que a escolhem”*. Percebemos, neste diálogo, que se trata de uma reflexão crítica de Paulo Freire com relação à “categoria mudança” e os sujeitos enquanto agentes deste processo, e o que determinará, será o engajamento, a vivência, o compromisso com a mudança, a consciência crítica dos sujeitos. Sejam eles, educadores, trabalhadores sociais, psicólogos, assistentes sociais, sociólogos, entre outros. O posicionamento do profissional enquanto agente de transformação. Segundo o autor, o trabalhador social,

(...) que opta pela mudança não teme a liberdade, não prescreve, não manipula, não foge da comunicação, pelo contrário, a procura e vive. Todo seu esforço de caráter humanista, centraliza-se no sentido da desmistificação da realidade. Vê nos homens com quem trabalha – jamais sobre quem ou contra quem – pessoas e não “coisas”, sujeitos e não objeto.(FREIRE, 1979, p.26).

Ainda,

“Humilde no seu trabalho, não pode aceitar, sem uma justa crítica, o conteúdo ingênuo da “frase feita” e tão generalizada a qual ele é o “agente da mudança”...(1979, p.26).

Sendo assim: *...”os ES são os “poetas”, aqueles que também sabem, tanto quanto acreditam na transformação dos sujeitos de direitos, na sua caminhada pessoal em busca de uma realidade mais digna, mas não só. São educadores para a vida, eternos incentivadores sociais dentro e fora do CREAS...”* (TS6).

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. (1992): **Adolescência Normal**, 10ª Ed. Porto Alegre, Artes Médicas.

BRASIL. (2006). **Sistema Nacional de Atendimento Sócio-educativo (SINASE)**. Secretaria Especial de Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Brasília, DF.

FISS, Dóris Maria Luzzardi; FONSECA, Laura Souza; HOPPE Martha Marlene Wankler; TASCETTO, Leonidas Roberto; **Identidades Docentes I: educação de jovens e adultos, linguagem e transversalidades**. - Rio de Janeiro: Lamparina 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GADOTTI, Moacir. **Concepção Dialética da Educação: Um estudo introdutório**. Cortez Editora, São Paulo, 1983.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal e o Educador Social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo, Cortez 2010.

LISBOA, C. e KOLLER, S. H. **O microssistema escolar e os processos proximais: exemplos de investigações científicas e intervenções práticas**. In: Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo, 2004.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo, E.P.U 1988.

LUZNO, Juliana Holz. **Educação escolar e apoio socioeducativo: Um diálogo a ser construído**. 2010 – Trabalho de conclusão – Porto Alegre UFRGS.

MÉSZÁROS, Istvan – **Educação para além do capital**. Boitempo, 2008

MIRON, A (Org.) **Cinco Anos do CREAS São Leopoldo: histórias construídas a muitas mãos**. São Leopoldo, 2012.

PEGORARO, Camile. **O movimento sindical como espaço educativo: formação política do trabalhador**. 2010 – Trabalho de conclusão – Porto Alegre, UFRGS

Artigos Internet

CALIMAN, Geraldo. Fundamentos teóricos e metodológicos da pedagogia social na Europa (Itália) , 2006, (An. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006

www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100015&script=sci_arttext

CARVALHO, Josué de Oliveira; CARVALHO Lindalva R. S. O. **A educação social no Brasil: contribuições para o debate**. An. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006

COFFERRI, F. F. NOGARO, A. Competências do pedagogo como educador social - promovendo o desenvolvimento psicossocial do Ser humano, PERSPECTIVA, Erechim. v.34, n.128, p. 7-21, dezembro/2010

http://www.leismunicipais.com.br/legislacao-de-sao_leopoldo/1297537/lei-7614-2012-sao-leopoldo-rs.html.

MACHADO, E.M. A pedagogia social: diálogos e fronteiras com a educação Não-formal e educação sócio comunitária. 2008
www.am.unisal.br/pos/stricto-educacao/pdf/mesa_8_texto_evelcy.pdf

Projeto Lei 5346/2009 - <http://www.chicolopes.com.br>

Nº290/94 E 293/94 Código de ética e disciplina da OAB NOB/RH SUAS 2006

Educação Social, Fundamentos e Estratégias Carvalho, Adalberto Dias; Baptista, Isabel (www.inesc.org.br › Biblioteca › Publicações › Artigos)

REBIDIA – Rede Brasileira de Informação e Documentação sobre Infância e Adolescência.

Rodas de conversa – saúde. 2009. Disponível em:

http://www.rebidia.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=436

Site Prefeitura Municipal de São Leopoldo.

Anexo_A

A violência juvenil e as abordagens da Brigada Militar em São Leopoldo

Vamos ouvir o que os jovens tem a nos dizer sobre as abordagens policiais, na cidade de São Leopoldo. Trataremos aqui, especificamente, de um tipo de violência, que se dá em três instância (A violência direta, violência indireta e a violência simbólica). A violência direta, é a violência física, por indireta entende-se as ações coercitivas, e a violência simbólica, são atos que envolvem relações de poder interpessoal ou institucional, ou seja, a violência nas Abordagens Policiais. Nesta cidade, com uma certa freqüência, ganha destaque em nossas conversas com adolescentes que cumprem Medidas Sócio Educativas (MSE) no CREAS.

Do ponto de vista legal, esses adolescentes, que estão em cumprimento de medida, determinada pelo Juizado da infância e Juventude, são seguidamente abordados por policiais da Brigada Militar. Acreditamos, que não sejam apenas estes a serem abordados. Falamos destes, porque são público com os quais trabalhamos.

Segundo os adolescente, ao serem abordados, o que menos importa é se estão cumprindo ou não a Medida. São ridicularizados, passam por situações vexatórias, chegando a ponto de serem agredidos fisicamente seguidos inclusive de ameaças de morte. Conforme o relato de um dos adolescentes: ...” “...

Sabemos contudo, que se trata de apenas de uma pequena parcela dentro da Brigada, não correspondendo a maioria do efetivo. Segundo o major Franquilin Pereira, da assessoria de Direitos Humanos da Brigada Militar, em audiência Pública que tratava da violência policial contra jovens negros no dia 12 de maio, onde participamos, algumas atitudes estão sendo tomadas dentro da corporação. Conforme o texto divulgado pela internete referente a fala do Major:

...”destacou que o órgão que representa foi criado este ano, justamente para aperfeiçoar a relação da Brigada Militar com a sociedade, sob a orientação da nova administração estadual. Ele ressaltou que na formação dos integrantes da corporação já são ministradas instruções sobre direitos humanos, mas que o processo de abordagem precisa ser aperfeiçoado para que os excessos sejam evitados...Franklin disse que os responsáveis pela agressão ao estudante Helder em Jaguarão estão afastados do policiamento, trabalhando em funções administrativas, enquanto durar o inquérito policial militar que apura os crimes apontados pela vítima. Ele destacou que os Policiais Militares respondem por seus atos nas esferas administrativa e penal militar, além da esfera cível”.

Ou seja, não basta simplesmente afastar os policiais agressores e colocá-los a fazerem serviço burocrático. O problema tem que ser tratado na raiz, não na ponta. Percebe-se ainda, que os movimentos em relação ao problema da abordagem, caminha a passos lentos, sendo que a todo o momento ouvimos os relatos de nossos jovens: ...”” ...

Hoje em dia, avançou-se muito na área da saúde em relação ao óbito infantil. Mas não sabemos se o sujeito chegará à fase adulta, ou em que circunstâncias isso se dará.... Sabemos do risco de ser jovem atualmente, fatores como drogas, sexualidade precoce e com ela doenças como Aids entre outras, assim como influência de amigos, habitam o mesmo espaço, e estão implicados aqui. A adolescência, que se caracteriza por ser uma fase do desenvolvimento humano, e estando o adolescente em processo de construção de sua auto-imagem acaba se deixando levar, pela insatisfação, pela busca incessante do prazer, pela indignação... . Mas não cabe a Brigada Militar, fazer o julgamento que quiser em relação aos adolescentes. Estes, são sujeitos de direitos e estão construindo sua autonomia, mas de acordo com o adolescente isso não acontece: "".

O preconceito, é o grande estigma no que diz respeito a invisibilidade do jovem. Neste sentido, o adolescente é colocado como sendo o responsável por seus atos, justificando portanto, a violência da brigada Militar contra ele mesmo, dando respaldo para este jovem tornar-se "**visível**", de forma negativa, já que ele está cumprindo a MSE e mesmo assim está sendo vítima da agressão policial, fazendo com que retorne a criminalidade.

Anexo B

1. Quais as principais contribuições do Educador Social para o CREAS?

Educadores	Ass. Sociais	Psicólogos	Coordenação
Olhar mais amplo da realidade, o educador social valoriza mais a construção histórica e social do usuário articulação com a rede visão do indivíduo como um todo educação e cidadania, o acesso aos direitos. articulação, o vínculo com o usuário, a relação com os outros atores da rede, flexibilidade de conhecimento,	São dinâmicos as principais contribuições do educador social para o CREAS são de caráter político	Proposta de trabalho mais dinâmica da educação	se eu fosse escolher uma palavra para representar a contribuição do trabalho do educador social dentro do CREAS, esta palavra seria articulação..potencial para conectar o trabalho dentro da equipe interdisciplinar, para fazer um elo entre os serviços do CREAS e os outros serviços da rede e para estabelecer pontes entre CREAS, o território e os usuários. Para mim o Educador Social é um elo importante entre os serviços e os sujeitos que os acessam. Os técnicos são importantes também, mas por vezes concentram-se na sua tecnicidade, na sua prática mais limitada ao que as profissões norteiam. O ES tem base na educação popular no trato do sujeito na sua realidade, respeitando esse saber, essa experiência. Penso que o ES se assemelha aos desejos do Assistente Social, mas este profissional parece estar em uma cápsula da sua intervenção, enquanto o ES ainda coloca-se mais livre nas suas ações. No CREAS o ES é esse mediador do processo entre os saberes populares e as intervenções psicossociais deste espaço

2. Você percebe o Educador Social do CREAS trabalhando diretamente na intervenção socioeducativo?Se sim, como?

Educadores	Ass. Sociais	Psicólogos	Coordenação
Toda a ação é voltada para a intervenção socioeducativa. Grupos Oficinas, que fogem ao atendimento individual tem a ação direta. O viés do educador é mais socioeducativo, a maneira que eu encontrei no CREAS foi através da ludicidade Vejo muito nas medidas socioeducativas, nas oficinas, nos grupos de familiares, Na própria apresentação do serviço A partir do vínculo se faz a intervenção, um plano de atendimento sempre pensando que a Educação Popular também é como a Educação formal, uma via de duas mãos, onde aprendemos e ensinamos concomitantemente	Sim, Dentro da política de assistência que presa o trabalho interdisciplinar e todos os envolvidos tem que trabalhar na intervenção...estão sempre dispostos, contribuindo, intervindo nos processos, intervindo com os usuários...Acredito que na maioria das situações o educador social trabalhava diretamente na intervenção, porém, dependendo da situação, alguns limites surgiam... o atendimento direto ao usuário se dava de acordo com o vínculo que o profissional estabelecia sendo ele educador, psicólogo ou assistente social. Em muitas situações, percebia o educador muito mais próximo da intervenção do que os outros profissionais e por isso, com a possibilidade de propor intervenções	Sim, Fazem parte de todo o processo. No CREAS o educador participa de todo o processo, desde contato inicial, do acolhimento, nas discussões de caso, propõe a alternativas, realiza entrevistas, faz projetos de intervenção...	esta não é a única, mas é uma das demandas mais importantes que se apresentam para o educador dentro do CREAS, especialmente no SEAS - através da abordagem, e nas MSE – através de oficinas . No processo de compreensão de uma realidade na perspectiva do cotidiano das pessoas, contribuindo para o entendimento do serviço. Como citei no livro “os ES são

	<p>mais coletivas que fossem além da situação individual a ser atendida. Porém, existe uma disputa de concepções a respeito do trabalho do educador social, e as divergências na forma de pensar sobre o seu trabalho muitas vezes acabavam por impedir seu potencial.</p>		<p>os “poetas”, aqueles que também sabem, tanto quanto acreditam na transformação dos sujeitos de direitos, na sua caminhada pessoal em busca de uma realidade mais digna, mas não só. São educadores para a vida, eternos incentivadores sociais dentro e fora do CREAS.”</p>
--	--	--	--

3. *Você identifica a participação cidadã do E. Social nas dimensões política, social, religiosa e comunitária? Como?*

Educadores	Ass. Sociais	Psicólogos	Coordenação
<p>sim .Percebo forte o papel mobilizador...Construção de Projetos para intervenção,...Muito, questões que trazem cidadania, acesso aos direitos... representações do serviço, na defesa de nossas ideias enquanto educadores sociais... Ex. é a demora para a aprovação da Lei proposta por Chico Lopez que regulamenta a profissão. Aí me questiono: -O Educador como promotor de direitos deveria ser o protagonista pela defesa de seus próprios direitos! Isso enfraquece a posição cidadã do Educador Social. Deveriam se organizar em classe para tentar achar uma identidade ampla, bastante democrática para contemplar as grandes diferenças nas formações técnicas dos Educadores. Essa identidade não vai ser contemplada pelo viés técnico, mas pela maneira de abordagens, pela visão que o Educador tem, pela maneira de trabalhar.</p>	<p>Sim,,Sim, através das reuniões de rede, discussões propostas,Penso que esta participação cidadã está diretamente ligada à formação que o profissional educador teve até o momento da inserção no CREAS. Mas penso que a principal se dava a partir do reconhecimento que esses profissionais tinham de ser profissionais inseridos numa política pública, dentro de um sistema único que busca garantir direitos a população. Nesse sentido, toda a participação para estes profissionais buscava como horizonte o acesso da população aos seus direitos sociais, principalmente dentro do SUAS.</p>	<p>Sim, conseguem ter uma visão global do contexto onde estão inseridos. Agregando, por mais diferente que sejam o processos e partir para o movimento, para a Ação.</p>	<p>...percebo que a maioria atuava dentro de uma perspectiva de participação cidadã ou, pelo menos, tinha esta intenção. Nas práticas de quase todos, era possível perceber comprometimento com a transformação da realidade, com a construção de processos coletivos, com relações mais autônomas. Dentro do CREAS o trabalho com a violação de direitos é, de certa forma, uma condição de possibilidade para intervenções que visam a garantia de direitos civis, políticos e sociais. Mas uma atuação profissional cidadã depende também de um processo constante de reflexão sobre as ações, para que esta perspectiva não se perca em meio às urgências e tensões cotidianas. Assim como outros profissionais, mas mais inserido na realidade das pessoas, quando insere-se neste meio você faz essa interface, atua nestas dimensões, não há como fugir ou separar, essas dimensões estão na vida do sujeito. Penso que a participação de um bom ES é sempre cidadã, sua participação e atuação vai até o limite do outro, com respeito às diferenças. Se o ES faz a leitura da realidade para agir a partir dela, ele certamente tem participação e atuação cidadã.</p>

4. Como você acha que deve ser a formação do Educador Social? Por quê?

Educadores	Ass. Sociais	Psicólogos	Coordenação
<p>curso específico para Educador Social. ter uma formação para a vida. Para construir uma identidade. Uma graduação, Não imagino o Educador atrelado as pedagogias... foco no sujeito e nas questões culturais, entender o indivíduo nos grupos que o constitui enquanto sujeito... Graduação. As licenciaturas são muito amplas. Pedagogia Social ou algo voltada para o social. A formação deve ser contínua, com a equipe de trabalho, e individual, de estar buscando nos livros, nas pesquisas, lincadas com a prática. Cursos Seminários...a formação é reflexo da prática, da vivência de cada um, Educação Social que tem uma amplitude infinita, não tem limites, por que todo o saber que é absorvido pode ser utilizado nas intervenções feitas pelo Educador... ,é importante essa formação que dê propriedade ao Educador sobre temas com o Direitos, Cidadania, Educação Social, muitos educadores não sabem o que é Educação Social. É importante conhecer os limites da função. Os saberes são ilimitados. Mas as atribuições são limitadas, aí se torna importante formação sobre interdisciplinariades. ,</p>	<p>Formações, interesse pela temática; Experiência na área, e a bagagem anterior. O desafio é conhecer a prática do outro para construir trabalho interdisciplinar... Curso técnico para qualificação, não especificamente uma graduação da Mais política com certeza... que tenha uma direção política, no sentido de compreender a realidade de forma crítica, Por quê? Penso que esta formação garantiria o avanço das políticas sociais que tivessem em seus quadros este profissional</p>	<p>Acho importante uma formação, não necessariamente uma graduação. Mas um curso de nível técnico para ter uma base. Um técnico em Educação Social.</p>	<p>formação talvez deva contemplar tanto aspectos filosóficos, políticos e sociológicos acerca das relações de saber-poder, quanto aspectos que permitam a construção de práticas socioeducativas diferentes daquelas orientadas à educação escolar tradicional. Penso também que a formação deve ser entendida como um processo que se inicia antes de um curso (seja técnico ou de graduação) e que continua após o mesmo.? Desconheço a educação social, quando penso em educação me vem muito a educação popular dos movimentos sociais de base, da educação na zona rural, com as famílias, como as pastorais que tem acesso as comunidades mais vulneráveis, lembro de Paulo Freire. Não sei qual é a sua origem, mas me preocupo com a formação do ES, quem tem capacidade para executar essa formação, onde forja-se a ES, quem pode dizer da ES para propor uma formação. Ademais uma formação gera uma capacitação, uma profissionalização que por vezes pode delimitar a ES fechando a mesma em um formato delimitado, pouco flexível, pouco permeável. Constituindo a ES como uma profissão. Por outro lado onde se aprende a ser ES, caso queira ser, posso simplesmente me denominar ES pela prática que realizo, ou alguém precisa dizer de mim enquanto ES. Nesse caso haveria de ter uma formação?</p>

Quais espaços de formação que buscas informações sobre a área de trabalho? Que aporte teórico você se utiliza?

Educador 1	seminários, palestras, leituras, trocas entre educadores, a prática do trabalho traz muita informação sobre o trabalho.
Educador 2	Livros (Paulo Freire...) Cursos de extensão, instituições, seminários...
Educador 3	Internet, seminários, eventos sobre os trabalhos, na LOAS, tipificação
Educador 4	Livros, internet,
Educador 5	livros como Os Maria da Glória Gohn, Paulo Freire, a Legislação, a Política a NOB, Tipificação, Eca... internet, trocas de experiência com outros profissionais, a prática.

Você identifica a Pedagogia Social como aporte teórico metodológico para a Educação social no CREAS?

Educador 1	Não, ela sozinha não.
Educador 2	Não, o aporte teórico deve ser baseado na educação popular, nos princípios Freirianos.
Educador 3	... Sim, é um dos aportes teóricos
Educador 4	Ela é um dos aportes teóricos. Os educadores do CREAS tem seu aporte teórico por serviços, pela demanda que lhe é pertinente. Buscam se especializar. Acho a pedagogia social importante para se entender o que é educador social.
Educador 5	Não, percebo mais a educação popular.

Expresse qual é o trabalho do Educador/a Social:

Educador 1	trabalho é fazer a equipe se desacomodar. Parece ser o que tem mais atualizado. A psicologia tem dificuldade de trabalhar em grupo, o Serviço social ainda atrasado, muito assistencialismo.
Educador 2	...Articulação quanto as atribuições, os educadores vão para além, tem autonomia, o trabalho não é feito com supervisão técnica, mas mais interdisciplinar.
Educador 3	A educação social vai para além das atribuições, muitas vezes tu és ouvinte, tu deixa a pessoa falar, ter a escuta sensível, fazer as pessoas enxergar. Muitas vezes, tu tens o papel de auxiliar a pessoa a resolver o problema e isso não está nas atribuições.
Educador 4	Ouvir, aprender, educar, instrumentalizar, democratizar, sentir
Educador 5	Escuta, oficinas, discussão com outros profissionais, ligação do serviço com a Rede. Vai para além das atribuições.